

4

LUIZ DE MAGALHÃES

AS NAVEGAÇÕES

Versos recitados no Theatro Academico
no sarau litterario celebrado na vespera da inauguração do monumento
a Luiz de Camões

COIMBRA
LIVRARIA CENTRAL DE J. DIOGO PIRES — EDITOR
9 — Largo da Sé Velha — 10

—
1881

4

Cam
123 h

123
4

LUIZ DE MAGALHÃES

AS NAVEGAÇÕES

Versos recitados no Theatro Academico
no sarau litterario celebrado na vespera da inauguração do monumento
a Luiz de Camões



COIMBRA

LIVRARIA CENTRAL DE J. DIOGO PIRES — EDITOR

9—Largo da Sé Velha—40

1881

Com 4
123

Por mares nunca de antes navegados...

CAMÕES—*Lusiadas*, canto 1.º, est. 1.ª

A minha alma é só de Deus,
O corpo dou eu ao Mar!

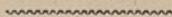
Xacara da Nau Cathrineta.

A Edade-Media portugueza acaba no dia de Aljubarrota, com a primeira epoca da nação, com o periodo da sua formação trabalhosa e lenta. Novos horizontes, vastas ambições, pensamentos ainda inconscientes de um largo futuro, amadurecem encobertos, no seio da nação, formada, acclamada, baptisada em sangue. Chama-a de longe um dubio tentador, — o Mar!

OLIVEIRA MARTINS—*Historia de Portugal*, tomo 1.º, pag. 139.



AS NAVEGAÇÕES



Era juncto do Mar. Um Promontorio agreste,
entre o rugir da vaga e os ventos do Noroeste,
como um dedo fatal nas aguas se estendia
a apontar mysterioso os climas do Meio-Dia.
Rumorejava o Mar á luz do Sol glorioso,
no seu eterno tom monotono e saudoso...
Como era funda e austera a voz incomprehensivel
repleta do segredo occulto do Invisivel!...
Parecia que o Mar trazia uma mensagem
á Europa, d'alguma incognita paragem,
d'uma irmã separada havia muitos annos
nas luctas primordiaes da Terra e dos Oceanos!

Que regiões cobriria ao longe o azul do Ceu?
de que mundo viria o tumido escarceu,
suspirando ao morrer um lugubre gemido?...
e a brisa que arrastou d'algum palmar perdido
o aroma virginal d'exoticas paragens?...
e, suspenso por sobre as humidas voragens,
o albatroz agitando as azas lentamente?...
Mysterio seductor! Mas, sempre, eternamente,
o velho Promontorio a apontar... a apontar...
— como um dedo fatal — o Tenebroso Mar!...

E a Alma portugueza, a Alma aventureira,
sentia que uma voz secreta e feiticeira
a chamava de além d'esse horizonte incerto;
e via erguer-se então no Atlantico deserto
a miragem da Gloria e o sonho da Conquista!

De sobre o Promontorio alguém lançara a vista,
audaciosa e febril, ás orlas do horizonte;
e em pé, olhando o Mar do alto d'esse monte,
e estendendo sobre elle a valerosa mão,
— como outr'ora Moysés, — o nobre capitão
mandava-lhe que abrisse o vortice profundo,
aos eleitos da Gloria em busca de outro mundo!

É noite. O Oceano geme o incognito segredo.
E lá, no solitario e tragico penedo,
sobre as aguas do Mar alevantado a pique,
vagueia juncto á praia o Infante D. Henrique.
Scisma. Brilham no Ceu limpido e mysterioso
constellações sem fim d'um resplendor saudoso.
Corta o mudo silencio o funebre piar
do *comoran* nocturno errante sobre o Mar...
Scisma profundamente. Os grandes galeões
balouçam-se á mercê das frescas virações,
amarrados á praia. Ha mysterios profundos
no mudo crepitar dos luminosos mundos...
E o Infante ergueu a voz:

«Ó Mar! Esphyngue amada!

descerra para mim essa expressão calada,
immutavel, fatal, com que me estás fitando!
Tu has de obedecer ao imperioso mando
da Sorte, de que eu sou agora portador.
É chegado o momento, ó grande tentador,
de passarmos além das tuas solidões
abrindo sobre ti as azas dos galeões...
A Historia é quem nos manda! Ha muito que uma Raça
vagueia pelo Mundo a proseguir na traça
de incognito Destino. Ignora-o! mas que importa?!
Quem sabe a mão que impelle a andar de porta em porta

o pobre esfarrapado? «Ávante! Ávante! Ávante!»
anda-nos a gritar a eterna voz clamante
na essencia mysteriosa e intima do Ser!
Ninguem n'esse caminho ha de retroceder!
Foi nosso berço o Oriente; e vimos caminhando
ha seculos de lá em tumultuario bando,
com varia Crença e Fé, com varia Historia e Leis.
Deixamos para traz os Idolos, os Reis,
cidades immortaes, famosos monumentos...
Fomos como um tufão de impetuosos ventos
que, passando atravez das grandes solidões,
na Terra vão lançar novas germinações,
e, afogando na Vida essa aridez funesta,
onde o solo era nú, deixam uma floresta.

Ficaram n'essa estrada indicios da passagem,
da carreira brutal, colerica, selvagem,
d'esse tufão humano. O legendario Oriente,
a biblica Judeia, a Babylonia ingente,
a harmoniosa Grecia, a Roma irresistivel,
são creações da onda electrica, invencivel,
que vem do antigo Mundo ao Mundo occidental!

A minha voz, ó Mar, é o bramir fatal
d'esse tufão que emfim chegou juncto de ti!
Não nos deixa o Destino estacionar aqui.

Ávante! sempre ávante! O Homem victorioso
quer percorrer o Imperio esplendido e assombroso
que tem na Natureza. É preciso abraçar
a Terra nossa mãe; e ao cabo irmos fechar
n'um amplexo bem forte a intima união,
que um dia ha de prender a vasta Creação,
ligando para sempre a Alma á Natureza!

Abre, ó Mar, o teu seio á frota portugueza!
Revela o teu segredo aos meus navegadores!
Sou braço do Destino; e os teus crueis horrores,
naufragios, perdições, tormentas impetuosas,
não farão recuar as almas animosas
dos que sentem no peito a rude voz da Historia
clamando: «Pela morte é que se alcança a Gloria!»

Ruge na tua treva, ó legendario Mar!
Eu curvo-me ao Destino, e quero completar
a conquista do globo enorme em que vivemos:
uma fatalidade á qual obedecemos
cegamente e com fé. E se para transpôr
a tua solidão, emfim preciso fôr
de corpos entulhar o teu profundo abysmo,
ó Mar! desencadeia o rude cataclysmo,

os vendavaes do Sul, as trombas monstruosas,
os raios e os trovões, as ondas espumosas,
a tormenta, o desastre, a morte, as afflicções,
que nunca hão de faltar-te os nossos galeões,
os corpos dos heroes, as lagrimas, as dores,
— para satisfazer teus odios vingadores!

E sobre essa hecatombe enorme e sem igual
o Homem seguirá na marcha triumphal!

Oh! para te arrancar o intimo segredo
não nos fazem tremer superstições ou medo!
Será nosso destino as ondas dominar:
Pertence a Deus nossa alma, e o nosso corpo ao Mar!»

E calou-se. Silencio!

O Mar lugubre e incerto
abalou n'um rugido a solidão calada,
— rugido que os leões soltam pelo Deserto
antes de principiar a lucta encarniçada!...

N'uma rubra explosão vinha rompendo a Aurora:
e dois vultos então, duas visões estranhas,
mostraram-se ao Infante á luz reveladora
que ao longe purpleava a crista das montanhas.

Nas fórmas de mulher havia a transparencia
d'um brando nevoeiro em noites de luar,
e erguiam d'entre o Oceano a esbelta corpolencia
como os genios pagãos do fabuloso Mar.
Uma vinha de branco e tinha pendurada
a corôa de louro em seu mimoso braço:
mas a outra empunhava uma brilhante espada
e cobria-lhe o corpo uma armadura d'aço.

E disseram-lhe:

«Vae! Confia essas galés
ao destino do Mar, aos rumos caprichosos,
ao penedo escondido, aos escarceus irosos,
aos ventos e ás marés!

Desfralda ao temporal as velas triumphantes;
iça no mastro grande o altivo pavilhão;
lança á mudez do mar o estrondo do canhão
e a voz dos tripulantes!

Coragem! Para além da treva transitoria
ha o thesouro, a riqueza ignota e nunca vista,
que só podem vencer a espada da Conquista
e a trombeta da Gloria!

Segue-nos com valor! Adeante dos galeões,
guiando a tua mão, cantando a tua fama,
terás para a Conquista o valoroso Gama,
para a Gloria Camões!

Nós somos o destino heroico d'este povo,
que tem de ir arrancar, com um trabalho insano,
a perola immortal d'um grande Mundo Novo
ao mysterio do Oceano!

Nós somos a Conquista e a Gloria, as esposadas
do Genio portuguez, o Genio aventureiro,
a quem vimos trazer os ramos do loureiro
e o ferro das espadas...

A Historia resolveu, ó Raça heroica e brava,
que tu fosses sellar o rijo cadeado
com que o Homem reduz ao seu dominio ousado
a Terra sua escrava!

Parte, caminha, vae! Até que o teu destino
se cumpra emfim um dia e possas descansar,
á prôa nos verás das naus, a deslizar
pelo azul crystallino...

Parte, caminha, vae! Confia essas galés
ao destino do Mar, aos rumos caprichosos,
ao penedo escondido, aos escarceus irosos,
aos ventos e ás marés!»

* * *

E foram. Sobre o Mar as grandes naus altivas
desfraldaram á luz do Sol meridional
os nobres pavilhões, que as brisas fugitivas
faziam palpitar d'um modo triumphal!

Foram. Por toda a parte o nome portuguez
soou como um clamor de guerra e de victoria,
clamor que hoje se escuta ainda alguma vez
n'um echo amortecido—a que se chama a Historia...

Foram. Constantemente as vistas cubiçosas
viam surgir do Mar os montes e as verduras,
como o mineiro encontra as pedras preciosas,
quando explora da mina as solidões escuras,

Foram. O Mar bramia irado e enraivecido
sentindo sobre o dorso as quilhas dos galeões,
qual sob o gladiador o tigre, que, vencido,
morria entre o clamor das brutas multidões.

Ó velho Portugal, que peito diamantino
o peito dos heroes, teus valorosos filhos!
Dois seculos tu foste o braço do Destino,
que abriu á velha Europa os ignorados trilhos!

Dois seculos tu foste o biblico Moysés
guiando sobre a Terra a escrava Humanidade,
e abrindo, com ardor e com intrepidez,
as portas colossaes d'uma futura Edade!

O teu pendão real cobriu-o de esplendor
aquella etherea luz da aurora — Renascença,
quando entregaste ao Mar teu corpo vencedor,
e dedicaste a Deus a tua ingenua crença...

As lanças e os canhões — relampago e trovão —
assolaram na Terra a mais variada gente,
desde o mouro de Ceuta ao indio de Ceylão,
e ao gentio revel da America indolente.

O rude coração de Bartholomeu Dias
não treme ao presentir o Cabo das Tormentas
na formidanda voz das grandes ventanias,
increspando e batendo as ondas temulentas.

Suffocando a revolta, o Gama triunphante
os pilotos algema, e erguendo o olhar aos ceus,
diz-lhes lançando ao Mar a bussola e o sextante:
«Ha n'estas naus agora um só piloto — é Deus!»

E depois, internando a frota aventureira
na calma solidão de um Mar desconhecido,
nas praias do Indostão implanta essa bandeira
que viu o altivo Oriente a nossos pés rendido!

Cabral acha o Brazil — a preciosa gemma
que o Mar — esse avarento em seu thesouro encerra;
e Magalhães, emfim, na sua audacia extrema
foi como um sol de Gloria a circumdar a Terra!

E em seguida a Conquista heroica e valorosa,
os capitães do Oriente e d'África os fronteiros,
de Castro e de Albuquerque a espada victoriosa,
os vencidos radjahs, tornados prisioneiros;

D. Francisco de Almeida, o pae que quiz vingar
n'uma hecatombe estranha o filho assassinado;
e Duarte Pacheco, o heroe do Malabar,
morrendo pobre e só em ferros algemado...

— fecharam para nós esse Passado ingente,
cuja Historia immortal jámais ha de esquecer
emquanto houver alguem no amor da Patria crente,
e o nome portuguez de todo não morrer!

*
* *

É cumprida a missão. A Historia não quer mais.
O Hercules findara as lides colossaes
e começou dormindo o somno de cansaço,
de quem sente esgotada a força do seu braço,
abatido n'um rude e heroico trabalhar.
N'essa lucta viril elle arrancara ao Mar
o segredo oriental, os novos continentes,
as terras virginaes e o rumo das correntes.
Como a vanguarda explora as terras ignoradas,
abrindo um trilho certo ás legiões pesadas,
assim este gigante abriu á Raça Humana
os caminhos do Mar, para esta lucta insana

em que o Homem combate e doma a Natureza.
Dois seculos lidou na portentosa empreza;
dois seculos lançou na immensidão da Terra
o grito da Conquista a proclamar a guerra,
— a guerra que depois fizeram outros povos
no já vencido Mar, nos continentes novos...
E então, ao sentir fraco o braço victorioso,
Portugal, o guerreiro, enfim, pediu repouso:
— embainhou a espada e abrindo a herculea mão
deixou cahir em terra o seu real pendão!
Nos desertos areaes da Africa tismada
encostou a cabeça exanime e cançada.
E dorme, e tem dormido, em misero abandono,
ao Sol meridional, um tão pesado somno,
que a gente ás vezes crê que o cavalleiro forte,
sob a campa do Azul, descança já — na Morte!

*
* *
*

Então juncto do corpo exausto e entorpecido
um homem se chegou de aspecto carregado:
cobria-lhe um arnez o peito comprimido,
pendia-lhe da cinta a espada do soldado.
E, ao ver em terra ali o velho heroe cahido,
fallou-lhe com um pranto amargo e inconsolado:

«Tenho *para servir-te o braço ás armas feito,*
e para te cantar a mente ás musas dada!
Mas já desanimou o teu altivo peito?
Porque vejo partida a tua heroica espada?
Ainda um esforço mais! Levanta-te do leito!
desperta do teu somno, ó *patria minha amada!*»

E a Patria, immovel sempre, a nada respondia
perdida no torpor das suas podridões...

Na treva a castelhana algema retinia...
o Mar ia engulindo os nossos galeões...

Mas quando, já sem força, este paiz morria,
vibrou então no mundo o poema de Camões!

Vibrou profundamente o canto triumphal!
a epopea da Patria! um hymno de Victoria,
que lembrava ao Futuro a pleiade immortal
dos tragicos heroes da nossa antiga Historia!
Vibrou a estranha voz d'um Genio colossal,
que tinha a nostalgia homerica da Gloria!...

E durante este somno, ha já trezentos annos,
a accusadora voz não cessa de fallar,
por entre a nossa crença e os nossos desenganos.

E agora, quando nós a ouvimos murmurar,
parece-nos sentir além d'outros oceanos
a voz que nos tentou a percorrer o Mar!...

*
* *

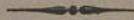
Ávante, ávante pois ! Nem tudo se acabou !
Desde então para cá a Historia transformou
as armas do combate. É outro agora o mundo,
é outra agora a lucta e outro o mar profundo,
sobre o qual temos de ir, soldados triumphantes,
desfraldar no Futuro os pavilhões radiantes !
Brame em torno de nós o mar do Pensamento
em cuja immensidão um prodigioso vento,
o vento do Progresso impelle a nau da Ideia.
Ha n'esse fundo abysmo um canto de sereia
que nos chama e seduz ! Ha luctas tempestuosas :
a Palavra treveja, e as ondas tenebrosas
da Duvida, assaltando a victoriosa frota,
que tem por norte o Bem na interminavel rota,
impedem muita vez a heroica Humanidade
de attingir esse Oriente — a que chamais Verdade !

Ó velho Portugal, ávante n'esse Mar !
Com a crença do Bem em nossos corações
um outro Novo Mundo iremos conquistar,
— que ha de ser a maior das glorias de Camões !

Coimbra, 4 de Maio de 1881.

Cam
123 4

Preço — 200 réis



DO MESMO AUCTOR:

Primeiros Versos, 1 vol. 500 réis

